



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM**  
**PEDAGOGIA**

**RAFAELA ALVES SANTANA MAGALHÃES**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS DA**  
**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL DA**  
**ENGOMADEIRA**

Salvador - BA

2024

**RAFAELA ALVES SANTANA MAGALHÃES**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS DA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL DA  
ENGOMADEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade, Campus I, do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador Prof. Dr. Gilmaro Moreira Brito.

Salvador - BA

2024

RAFAELA ALVES SANTANA MAGALHÃES

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS DA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL DA  
ENGOMADEIRA

BANCA EXAMINADORA

1 \_\_\_\_\_ (Orientador)

Prof. Dr. Gilmaro Moreira Brito

2 \_\_\_\_\_ (Examinador)

Prof M.s. Fábio Valente Morais

3 \_\_\_\_\_ (Examinador)

Prof. M.s Simone Regina Silva d' Almeida

Julgado em: 17/06/2024

Conceito: \_\_\_\_\_

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo discutir a realização do processo de alfabetização e letramento de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, após o período de pandemia. O trabalho terá como base a turma da EJA II, na Escola Municipal da Engomadeira, em Salvador - BA. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, a fim de enfatizar a história da Educação de Jovens e Adultos, realizando diálogos com escritores como Freire (1987/1996), Fonseca (2010), Paiva (1973), Haddad (2000), entre outros, que se debruçaram sobre o tema da alfabetização desses indivíduos. Além disso, também foram feitas observações e entrevistas com professores e alunos, utilizando a abordagem qualitativa, com o interesse de conhecer mais a fundo a realidade da escola, podendo, então, identificar quais caminhos o corpo docente e a gestão fizeram para agrupar a alfabetização e o letramento dos alunos analfabetos, sem deixar de lado os conteúdos formais das disciplinas. Os sujeitos desta pesquisa são docentes, estudantes, coordenadores e a diretora da Escola Municipal da Engomadeira. No que se refere ao objetivo desta pesquisa, ele foi alcançado através de uma entrevista aplicada a cinco professores/as e cinco estudantes, além de conversas com as coordenadoras pedagógicas e a diretora da unidade escolar. Percebi que as estratégias adotadas pelos responsáveis possibilitaram incluir metodologias e técnicas que proporcionam aos estudantes uma interação entre os conhecimentos prévios e os novos, adquiridos no ambiente escolar, o que chamamos de aprendizagem significativa. Com o apoio da Secretaria de Alfabetização (SEALF) e do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), foi possível realizar formações online com professores e coordenadores. Nestes encontros, foram abordadas temáticas sobre a importância de se tornar um professor alfabetizador, além de oferecer recursos e exemplos de metodologias para atuar na mediação didática com estudantes dos programas, através de um ambiente virtual de aprendizagem. Durante o processo de formação dos professores, as coordenadoras criaram o projeto “Alfaetrar”, cujo objetivo era alimentar e manter a interdisciplinaridade nas aulas da EJA, como estratégia para que docentes de diferentes disciplinas trabalhassem o processo de alfabetização aliado aos conteúdos de suas respectivas disciplinas.

**Palavras-Chave:** Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização/letramento; Disciplinas específicas; Pós-pandemia.

## ABSTRACT

This study aims to discuss the literacy and literacy process of Youth and Adult Education students, after the pandemic period. The work will be based on the EJA II class, at Escola Municipal da Engomadeira, in Salvador - BA. The methodology adopted was bibliographical research, in order to emphasize the history of Youth and Adult Education, carrying out dialogues with writers such as Freire (1987/1996), Fonseca (2010), Paiva (1973), Haddad (2000), among others. , who focused on the topic of literacy for these individuals. In addition, observations and interviews were also carried out with teachers and students, using a qualitative approach, with the interest of getting to know the school's reality in more depth, thus being able to identify what paths the teaching staff and management took to group literacy and the literacy of illiterate students, without leaving aside the formal content of the subjects. The subjects of this research are teachers, students, coordinators and the director of the Engomadeira Municipal School. Regarding the objective of this research, it was achieved through an interview with five teachers and five students, in addition to conversations with the pedagogical coordinators and the director of the school unit. (to go back). I realized that the strategies adopted by those responsible made it possible to include methodologies and techniques that provide students with an interaction between previous knowledge and new knowledge acquired in the school environment, what we call meaningful learning. With the support of the Literacy Secretariat (SEALF) and the Literate Brazil Program (PBA), it was possible to carry out online training with teachers and coordinators. In these meetings, topics were discussed about the importance of becoming a literacy teacher, in addition to offering resources and examples of methodologies to act in didactic mediation with students in the programs, through a virtual learning environment. During the teacher training process, the coordinators created the "Alfalettar" project, whose objective was to nurture and maintain interdisciplinarity in EJA classes, as a strategy for teachers from different disciplines to work on the literacy process combined with the contents of their respective disciplines.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Literacy/literacy; Specific disciplines; Post-pandemic.

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>II EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITOS E FINALIDADES.....</b>	<b>11</b>
2.1 Aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos.....	13
2.2 Conceituando alfabetização e letramento.....	15
<b>III O PERFIL DA ESCOLA, GESTÃO, PROFESSORES E ALUNOS DA EJA II.....</b>	<b>18</b>
3.1 O perfil da Escola Municipal da Engomadeira .....	18
3.2 O perfil da Gestão Municipal da Engomadeira.....	21
3.2.1 Projeto Alfaetrar na EJA.....	24
3.3 O perfil dos Professores da EJA II.....	27
3.4 O perfil dos Alunos da EJA II .....	27
<b>IV ANÁLISE DAS ESTRATEGIAS PARA ALFABETIZAR E LETRAR OS ALUNOS .....</b>	<b>30</b>
4.1 Metodologia .....	30
4.2 Entrevistas com os professores.....	31
4.3 Entrevistas com os estudantes.....	40
<b>V CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>VI REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>VII APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>
<b>VII CRONOGRAMA.....</b>	<b>51</b>

## I INTRODUÇÃO

A educação é uma atividade indispensável para todo ser humano, seja para transmitir conhecimentos, seja para auxiliar o seu desenvolvimento intelectual, social ou cultural. É através da educação que se tem acesso a saberes, habilidades e competências que permitem a aquisição de conhecimentos pessoal e profissional, capazes de melhorar a qualidade de vida e contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país. Segundo Libâneo (2002), a educação é uma prática humana e social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais e culturais, o que configura sua existência humana individual e grupal. (“(PDF) Socioeducação: origem, significado e implicações para o ...”)

O presente trabalho aborda questões relevantes que se referem ao processo de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos (EJA) (voltada ao ensino fundamental II), e discute os caminhos que foram tomados pelo corpo docente, coordenadores e gestores da Escola Municipal da Engomadeira, localizada no Município de Salvador, para alfabetizar e letrar os estudantes que estavam neste processo durante o retorno das aulas, após o período pandêmico da COVID-19.

Levando em consideração o contexto da epidemia do SARS-CoV2 no Brasil e em Salvador, durante os anos de 2020 e 2022 e avaliando o quanto a educação escolar foi afetada a partir desta realidade, a presente pesquisa tem o objetivo de discutir a realização do processo de alfabetização e letramento de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, após o período de pandemia.

Assim, o presente trabalho tem como objetivos específicos realizar uma revisão de literatura sobre a Educação de Jovens e Adultos; identificar quem são os alunos da EJA II da Escola Municipal Engomadeira, no ano de 2023; compreender as finalidades do projeto Alfalettrar, desenvolvido pela gestão da escola no período pós-pandemia; apreender os desafios enfrentados pelos professores licenciados para a execução do projeto e, por fim, discutir os caminhos adotados pela gestão para que, em meio ao conteúdo das disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês, História, Ciências, Educação Física, pudessem realizar a alfabetização e o letramento.

A partir dos objetivos descritos, acredita-se que a pesquisa responda a seguinte pergunta: Quais foram as estratégias utilizadas pela gestão e pelos professores para agrupar os conteúdos das disciplinas no processo de alfabetização e letramento da turma da EJA II, após a pandemia, na escola Municipal da Engomadeira?

Torna-se pertinente destacar que o processo norteador deste trabalho se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica aliada a uma observação em campo, com abordagem qualitativa, por meio de entrevistas e levantamento de trabalhos teóricos e práticos dentro da temática da alfabetização e letramento. No processo, a pesquisa recorreu às seguintes fontes e autores: José Carlos Libâneo (2009) Sérgio Haddad (2000), Solange Gomes Fonseca (2010), Paulo Freire (1987/1996), Georges Gusdof (1976), Arilda Schmidt Godoy (1995), que contribuíram para a fundamentação teórica.

É importante salientar que este trabalho foi desenvolvido em três partes: a primeira trata sobre a Educação de Jovens e Adultos, sua história e os conceitos de alfabetização e letramento, enfatizando como este processo precisa adotar metodologias de ensino-aprendizagens diferentes daquelas usadas no ensino regular, a fim de não infantilizar as abordagens dos conteúdos trabalhados nas aulas, nem anular as vivências dos estudantes, que geralmente são pessoas adultas, imersas em modos de viver e de fazer, cujas experiências e bagagens pessoal e profissional os diferem das realidades de crianças.

A segunda parte informa sobre o perfil da escola, dos estudantes e da gestão. A pesquisa foi realizada na escola municipal localizada no bairro da Engomadeira de fácil acesso para os estudantes seus visitantes. Além disso, o prédio escolar passou por uma recente reforma, para tornar a estrutura física e pedagógica adequadas e confortáveis para o uso dos estudantes. Os alunos da EJA, do período noturno, são pessoas de uma faixa etária situada entre 19 e 65 anos, que, de acordo com dados fornecidos pela escola, podem ser identificadas, em sua maioria, como pessoas de baixa renda que recorreram a EJA como uma oportunidade de realizar o “estudo” que não tiveram condições de concluir no tempo recomendado para o ensino regular e, principalmente, por conseguirem conciliar o trabalho com as aulas.

A terceira parte apresenta a pesquisa de campo e a análise de dados. O levantamento foi realizado por meio de entrevistas com cinco docentes (cujos

nomes mencionados no texto são fictícios) e uma conversa com a gestão pedagógica, nas quais foram coletados dados e, a partir disso, foram registradas, discutidas e avaliadas as estratégias usadas para alcançar ao objetivo de alfabetizar e letrar os estudantes da EJA em 2023.

Em todo andamento da pesquisa, foi possível observar a importância de a escola trabalhar com a aprendizagem significativa, no sentido da articulação entre o conteúdo, a metodologia e a abordagem dialógica que se relacionam com os conhecimentos prévios dos alunos. Neste processo, o professor teve o papel de ampliar e atualizar as informações que os alunos carregavam consigo, construídas por suas experiências de vida. Nesta etapa de alfabetização, foi possível observar que a aprendizagem significativa aconteceu porque facilitou a compreensão que os/as alunos/as começaram a ter depois de trabalhar as palavras, frases e textos que eles/as entram em contato no dia a dia e lhes possibilitam fazer novas leituras e interpretações. Esta estratégia lhes favoreceu acrescentar novas aprendizagens que possibilitaram a ampliação dos significados que foram atribuindo às temáticas, frases e textos.

Para facilitar o processo de alfabetização dos alunos da EJA da referida escola, foi necessário organizar uma “rede” que teve início com os projetos e ações elaborados pela gestão escolar, como uma forma de enfrentar a defasagem do ensino, ocasionada pela ausência forçada dos estudantes em função da epidemia da COVID-19, que os afastou a sala de aula. Nesse processo, a direção e a coordenação contaram com o interesse das/os professoras/es para que fosse possível realizar formações e buscas, a fim de que os docentes conhecessem e entendessem como funcionava o processo de alfabetização de alunos. Essa formação continuada tem o objetivo de estimular os profissionais a tomarem para si a metáfora de “pular os muros”, ou seja, ampliar o conhecimento fragmentado e disciplinar que se aprende na Universidade, para buscar, cada vez mais, se especializar.

Ao trazer esse diálogo para a realidade da Escola Municipal da Engomadeira, foi possível observar, através dos relatos dos professores, coordenadores e gestores, o quanto eles se preocupam com a alfabetização dos discentes da Educação de Jovens e Adultos. Essa preocupação fez com que a coordenação pedagógica e a gestão da escola adotassem, tanto a estratégia de educação significativa para os estudantes, como a formação continuada para os

professores. Todo o movimento foi articulado para conseguir cumprir o objetivo de alfabetizar e letrar os discentes, principalmente os da turma da Educação de Jovens e Adultos da segunda etapa, conhecida como EJA II, na qual oferta-se conteúdos curricular equivalentes ao do ensino fundamental II (6º ao 9º ano). As estratégias adotadas pelos profissionais funcionaram e levaram retornos positivos para a escola e para os estudantes. Todavia, é necessário esclarecer que existem algumas lacunas nas estratégias e metodologias adotadas por alguns professores: a utilização de quadro escolar como único recurso didático nas aulas; docentes que usam apenas quadro e livros didáticos como recurso metodológico e docentes que têm pouca experiência na EJA. O quadro das estratégias vai-se apresentar e discutir ao longo da pesquisa.

## **II - EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITOS E FINALIDADES.**

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9.394/1996), Artigo 4º, que regulamenta a modalidade da EJA, prevista na Constituição de 1988. A Constituição Federal determina, em seu artigo 208, inciso I, que é dever do Estado oferecer educação escolar regular para jovens e adultos, por meio de cursos e exames que considerem as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

Ao pensar em Educação de Jovens e Adultos, tomamos como referência o grande educador brasileiro Paulo Freire, que desenvolveu um pensamento pedagógico político que ajudou grande parte da população desfavorecida economicamente a sair do analfabetismo. A educação concebida por Paulo Freire está voltada à conscientização do indivíduo como meio para vencer o analfabetismo político, para, assim, terem a possibilidade de ler o mundo a partir de suas experiências, culturas, histórias e realidades.

De acordo Freire (2013, p. 13) é no processo da educação dialógica que o educando se percebe inserido em um ambiente opressor e liberta-se desta condição. Em suas palavras,

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando está se revista da falsa generosidade referida. (Freire, 2013, p.13).

O educador mostra que é necessário que os alunos, para sair do analfabetismo, entendam que precisam responder às demandas da sociedade de modo positivo e desafiador. Para dar conta desse desafio, o professor precisa realizar uma práxis que foge da educação bancária, pela qual se deposita apenas os conteúdos que os alunos são chamados para repetir. Em sua obra, Freire demonstra o objetivo de praticar uma educação libertadora. Para isso,

considera fundamental modificar a relação aluno/professor, caracterizando-a como algo que precisa ter um autêntico diálogo.

Desta forma, como alerta Fonseca (2015), é fundamental que os professores:

conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim, cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno abaixa a autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito de jovens e adultos, principalmente, os trabalhadores. (FONSECA, 2015)

Portanto, a relação professor/aluno é indispensável para o processo de alfabetização e letramento. Por conta da vida corrida e cansativa de alguns estudantes da EJA, através da sua prática, o professor acaba se tornando um grande mediador e incentivador de sua permanência no ambiente escolar.

Outro desafio comum às escolas, é a maneira de relacionar diferentes áreas de conhecimentos, visto que, construir ambientes interdisciplinares, contextualizados e interligados, exige um grande planejamento didático, além de flexibilização curricular dos docentes e da coordenação. Para Gusdorf (1976, p. 26), "a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para colher as contribuições das outras disciplinas".

Atualmente, nas escolas, a interdisciplinaridade tem como objetivo exercer um caminho de construção de conhecimento unitário, com práticas e reflexões que integram um conteúdo a outro. Um ponto importante a ser destacado é que, para além de conteúdos e disciplinas, a interdisciplinaridade precisa, também, estar interligada a outras esferas da vida do aluno, não somente dentro do ambiente escolar. Para tanto, é necessário trazer a interdisciplinaridade escolar para o âmbito de uma dimensão política e ética, de acordo com a realidade de cada estudante. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam a importância de trazer temas transversais no ambiente escolar.

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos temas transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extraescolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos (BRASIL, 1998, p. 30).

## **2.1 Aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos**

Segundo Haddad (2000), a educação de jovens e adultos sempre foi diversificada, pois as suas práticas poderiam ser formais ou informais, relacionadas a conhecimentos básicos, técnicos, profissionais e até mesmo culturais. Muitos desses processos eram feitos fora das escolas, realizados no espaço de convívios sociais como família, igrejas, espaços de lazer etc.

Historicamente, no período colonial do Brasil, os missionários cristãos conhecidos como Jesuítas exerceram uma ação educativa nos adultos. Este trabalho visava não só fazer com que eles tivessem contato com o evangelho, mas também transmitir normas de comportamentos e ensinar os ofícios necessários para a economia colonial.

Posteriormente, a chegada da Constituição de 1824 propôs estender a educação básica para todos os cidadãos. Porém, com o fato de negros, indígenas e grande parte das mulheres não serem considerados parte deste grupo, 82% da população com idade superior a cinco anos ainda continuou analfabeta.

A educação de jovens e adultos apareceu como um problema de política nacional somente em 1940, quando passou a receber um tratamento adequado, sendo criado o Ensino Supletivo para adultos. No entanto, esta educação não se diferenciava do ensino regular comum, possuindo as mesmas metodologias e práticas de uma educação para crianças. Até então, o adulto não escolarizado

era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária. Esta percepção reforçava o preconceito com o analfabetismo (Paiva, 1973, p. 209).

Na década de 1950, o Brasil passou por um grande desenvolvimento na economia, o que possibilitou investimentos em várias campanhas e programas para a EJA. Inclusive, neste período, o Ministério da Educação e Cultura contou com a presença de Paulo Freire, que reconhecia que este tipo de ensino precisava de um tratamento específico nos planos pedagógicos e didáticos. Porém, com o período militar, introduzido em 1964, ocorreu uma ruptura dessas ações e programas (HADDAD, 2000).

Apesar de ser criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, MOBRAL, no período da ditadura civil-militar, seu objetivo era completamente diferente do esperado, pois visava defender os interesses do governo implantado com a ditadura de 1964, que representava os interesses da classe dominante. A intenção inicial do MOBRAL era de fazer com que os alunos aprendessem a ler e escrever, sem maior preocupação com a formação do cidadão. Além disso, é importante sinalizar que no MOBRAL, ao invés de contratarem professores alfabetizadores, eram utilizados monitores que recebiam apenas um “curso” rápido, como um treinamento aligeirado com orientações gerais sobre a utilização do material didático fornecido pelo Movimento para realizar o processo de letramento; ou seja, os profissionais não eram capacitados para alfabetizar e ensinavam apenas técnicas de leitura e escrita. Considerando que o objetivo da educação e alfabetização de adultos deve ser a formação do ser humano, a educação como a aplicada pelo Mobral, que visava apenas a formação técnica e o pensar automático, não supria a necessidade dos discentes, que precisavam desenvolver o processo de formação social, conhecer novas culturas e ciclos sociais, ter acesso a igualdade de oportunidades e conseguir se posicionar criticamente, complementando, assim, os saberes novos e os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida.

Com a regulamentação do ensino supletivo, pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional de 1971, a Educação de Jovens e Adultos se resumiu a

apenas recuperar o atraso dos estudantes e qualificá-los para uma mão de obra que contribuísse para o desenvolvimento do país.

Ao sofrer todas essas mudanças durante o Período Militar, assim como após a Nova República, apesar de terem acesso à educação, os jovens e adultos passavam por aprendizagens insuficientes, por isso não conseguiam utilizar, no seu dia a dia, os conhecimentos adquiridos.

Ainda de acordo com Haddad (2000), mesmo com diversos programas, se pode perceber o quanto a educação de jovens e adultos, muitas vezes, é escassa, apesar de ter como objetivo orientar adultos que não completaram ou que abandonaram a educação formal no tempo sugerido. Considerando que a EJA é uma prática formativa em que adultos se envolvem em atividades sistemáticas e sustentadas de autoeducação, a fim de obter novas formas de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, o desafio maior desta modalidade é conseguir encontrar caminhos para que as metodologias e as práticas pedagógicas superem o analfabetismo.

## **2.2 Conceituando alfabetização e letramento na EJA**

O processo de alfabetização das turmas da Educação de Jovens e Adultos está ligado às práticas de leitura e escrita, que também fazem parte e são desenvolvidas com crianças que estão no período de letramento. Segundo Mendonça (2009), o ensino da leitura está ligado à alfabetização como um processo complexo e árduo que exige uma metodologia eficaz, que contribua para a aprendizagem dos educandos.

Os estudantes da EJA são pessoas com experiências de vida, saberes e uma bagagem extensa de conhecimentos, por isso, esses requisitos precisam ser levados em conta. Sabendo disso, se faz necessário que o professor se atente à realidade dos estudantes e use práticas pedagógicas que estejam de acordo com as vivências daquelas pessoas.

Muitas vezes, a infantilização nessa modalidade de ensino acaba fazendo com que os alunos abandonem o ambiente escolar. O letramento precisa fazer parte dessa experiência de alfabetização, pois é a partir disso que os estudantes

irão incorporar funcionalidades, de acordo com as suas práticas pessoais, para aquilo que estão aprendendo, lendo e escrevendo.

Para Vygotsky, a aprendizagem é uma experiência social mediada pela interação do homem com a sociedade, que consiste em um intercâmbio de experiências cognitivas, afetivas e/ou comportamentais (Ferro e Paixão, 2017, p.99). Dialogando com as autoras, é possível compreender que é necessário, para o professor envolvido no processo de alfabetização e letramento, priorizar as leituras de mundo que os alunos trazem consigo e que expressam nas relações que estabelecem em suas dimensões socioculturais. Por este motivo, é importante valorizar, no ato da alfabetização, o contexto histórico, social e cultural do educando, para que, assim, ele se sinta representado naquele ambiente.

Segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Por isso é importante, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, que o educador adeque e acrescente às práticas de alfabetização recursos que façam parte do cotidiano do aluno, com situações que promovam a reflexão, a crítica e o aprendizado.

É fundamental destacar, também, que a alfabetização e o letramento são conceitos diferentes, mas que devem estar alinhados, pois, por muitas vezes, o estudante pode estar alfabetizado, mas não necessariamente ser considerado uma pessoa letrada, porque não consegue utilizar o que aprendeu nos contextos sociais nos quais está inserido. Para reafirmar, tomemos como base a reflexão de Magda Soares:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (Soares, 1998, p.39 e 40)

Para exemplificar, pode-se encontrar educandos que não sabem ler ou escrever, mas que sabem pegar o ônibus, tem noção de direção, sabem cozinhar, seguir receitas, se expressar em relação a discussões sociais, passar troco, fazer compras etc. Esses alunos são considerados letrados, mas não alfabetizados. Por outro lado, pode-se encontrar estudantes que dominam as questões de linguística, matemática, ciências da natureza e sociedade, porém, não sabem andar no seu próprio bairro, não conseguem se expressar diante de situações críticas, não são capazes de seguir comandos para realizar uma tarefa etc. Pode-se dizer que esses alunos são alfabetizados, mas não são letrados.

Por isso, é importante que o professor entenda esses conceitos e trabalhe com eles de forma alinhada, para motivar os alunos a serem alfabetizados e letrados, com a capacidade de fazer a diferença na sociedade em que vive e que, acima de tudo, assumam seus lugares de cidadãos, para gozar dos direitos e contribuir com os deveres compreendidos através desta aprendizagem significativa. Resumidamente, é necessário que haja interação entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos novos, agregando-os nas suas vivências e experiências.

### **III O PERFIL DA ESCOLA, PROFESSORES E ESTUDANTES.**

Esta parte, aborda o perfil da Escola Municipal da Engomadeira, destacando a estrutura, a quantidade dos estudantes matriculados e suas características socioeconômica de gênero e raça. Descreve-se também o perfil das coordenadoras e diretora porque ao elaborarem o Projeto Alfalettrar prestaram significativa contribuição para o processo de alfabetização dos alunos. Apresento as disciplinas e o contexto no qual foram realizadas as entrevistas com os professores que mediarão e estimularão o processo de alfabetização dos alunos/as e para finalizar, descrevo o perfil dos estudantes, estacando suas características peculiares que se revelam na rotina cotidiana que realizam do ambiente escolar desde o momento da chegada até a saída, pois considero que as relações que estabelecem entre si interferem no aprendizado e no interesse de cada um deles/as.

#### **3.1 O perfil da Escola**

O foco dessa pesquisa foi na Escola Municipal da Engomadeira, localizada no município de Salvador, que é destinado ao ensino regular (educação infantil e ensino fundamental I) no período diurno, e ao Ensino da Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. A escola foi fundada em 20 de maio de 1993 e está localizada na rua da Engomadeira, 53, Salvador – Bahia.

Atualmente, atende alunos da Educação Infantil (Grupo 4 e 5), Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA I e II). Segundo o Censo Escolar, 2022, INEP, a escola possui 618 alunos matriculados. Sendo 169 matriculados na Educação de Jovens e Adultos. De acordo com a secretaria da escola, apenas 70 alunos frequentam ativamente as aulas, sendo 35 estudantes da turma da EJA II. Para os profissionais, essa evasão acontece porque a maioria dos estudantes busca apenas os benefícios que a matrícula oferece, como cartão de meia passagem estudantil e uma cesta básica, que era oferecida na época da pandemia.

Porém, não se pode deixar de compreender que muitas pessoas são impedidas de frequentar o ambiente escolar por viverem em situações financeiras de grande pobreza, em que precisam escolher entre trabalhar ou estudar. Infelizmente, vivemos em um país em que as políticas públicas ainda não conseguiram eliminar a pobreza, esta carência acaba por encaminhar expressivos grupos da sociedade a escolher alternativas de vida e trabalho que não passam pela escola, como por exemplo, empregos com jornadas exaustivas, atividades produtivas de baixa remuneração, ou até ocupações que estão fora das leis, como o tráfico de entorpecentes. Essas condições de vida, muitas vezes, são acompanhadas da baixa autoestima que se revela no sentimento de impotência, por não conseguir acompanhar os conteúdos e conhecimentos propostos pela educação escolar.

A escola trabalha em 200 dias letivos. Possui fácil acesso à rua principal e ao ponto de ônibus, mercados, lojas etc. Trata-se de uma localidade periférica e, segundo os dados do último censo, o bairro da Engomadeira possui um total de 12.550 moradores, sendo que 46,18% são homens e 53,82% mulheres. Em relação à porcentagem de moradores por cor/raça, encontrou-se a seguinte autodenominação: 10,59% brancos, 1,57% amarela, 0,20% indígena, 53,85% parda e 33,79% preta.

É possível perceber, através desses dados, que 87,64% da população do bairro pode ser considerada afrodescendente. Ao observar o ambiente em que foi realizada a pesquisa, e a sala da EJA II, nota-se que toda a turma, além de 97% de toda a escola no período noturno, é formada por afrodescendentes. O que nos faz compreender que pobreza e analfabetismo têm cor no Brasil. É inegável o peso do preconceito racial no país até os dias atuais, o que reforça, ainda mais, a exclusão não só econômica, mas também escolar.

O afastamento dos negros nas escolas constrói-se ao longo da história e, assim como o racismo, vai sendo passado de geração em geração. A titularidade da cidadania, definida constitucionalmente, era restrita aos livres e libertos e valia tanto para a educação das crianças quanto para jovens e adultos. Para os escravizados, tanto afro-brasileiros como indígenas foram orientados para o trabalho pesado, bastava a instrução de ler, escrever e contar, conteúdos que

eram vinculados à doutrina cristã aprendida na oralidade e cujo objetivo era manter a obediência pela violência física ou simbólica. A educação antirracista, regulamentada na Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) torna obrigatório o ensino da história, cultura africana e afro-brasileira nos ambientes que promovem a educação. Essa proposta é um dos mecanismos importantes para corrigir este cenário e mudar a forma de educar, visto que ensinar sobre a história africana e afro-brasileira é falar para esses jovens/adultos sobre a existência do seu povo, dando ainda mais motivação para que eles ocupem os espaços ligados à educação.

É comum perceber que há um racismo estrutural, pois a sociedade continua com preconceitos e discriminações raciais que privilegiam apenas os brancos e ricos. Sabemos o poder que a educação tem para ampliar o acesso a bens culturais que podem formar mentalidades, no entanto, muitos jovens abandonam a escola porque não sentem pertencentes ao espaço escolar, ou seja, não se sentem acolhidos ou representados tanto nos conteúdos apresentados, como na exclusão de seus saberes e valores.

Ao pensar a educação pela perspectiva do combate ao racismo estrutural, a escola ajuda na valorização da identidade e das trajetórias das pessoas negras que fazem parte do seu território. Proporcionar acesso a conteúdos vinculados a produção artística, intelectual e social de pessoas negras pode contribuir de forma para que os estudantes jovens/adultos criem referências que podem ajudar na autoidentificação como indivíduos capazes.

A relação da escola com a comunidade é bastante tranquila e longa, sempre buscando parcerias no bairro, oferecendo palestras e cursos profissionalizantes em colaboração com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Ela também conta com parcerias de serviços públicos do bairro, como por exemplo o posto de saúde, que sempre envia agentes para a escola, a fim de realizar marcações de consultas médicas, exames e fornecer prioridade nas campanhas de vacinação, além de consultas com nutricionistas e dentistas dentro da unidade escolar.

A escola possui, em suas dependências, 10 salas de aulas, 1 pátio coberto, 1 pátio descoberto, 1 quadra de esporte descoberta, 1 refeitório, 1 sala da diretoria, 1 sala de leitura, utilizada também como biblioteca, 1 sala de professores, 1 sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado – AEE, banheiros, cozinha, despensa, banheiro para funcionários, banheiro adequado a alunos com deficiência física ou mobilidade reduzida, banheiro para educação infantil e sala de secretaria. Além de objetos como: roteador, projetor, DVD, televisão, rádios, impressoras, computadores, arquivos, estantes, materiais esportivos, materiais didáticos, entre outros.

Poder oferecer um ambiente escolar estruturado, torna as atividades escolares mais atrativas para os discentes, pois as aulas não se resumem apenas à teoria em uma sala de aula, mas pode-se explorar outros ambientes e recursos, fazendo com que as atividades práticas e extracurriculares enriqueçam a aprendizagem, estimulem a criatividade e o engajamento dos alunos, além de, também, auxiliar o professor a proporcionar diferentes formas de aprender.

Com uma estrutura de imóvel de alto padrão, com capacidade para atender a mais de 600 alunos dos ensinos infantil e fundamental I, além da educação de jovens e adultos – EJA, o prédio possui 2 andares, com escadas e rampas de acesso, salas grandes, ventiladas e acessíveis. Por ter passado por uma reforma recente, no ano de 2019, a escola se mantém bastante organizada e com objetos e estrutura conservada.

### **3.2 Perfis dos Gestores da EJA II**

É fundamental que o gestor escolar possua habilidades técnicas, como gestão financeira, pedagógica e planejamento estratégico, destacando-se: habilidades sociais, como inteligência emocional, capacidade de comunicação, liderança e flexibilidade; características pessoais, como proatividade, responsabilidade, ética profissional e capacidade de inovar, para que o local de aprendizado possa funcionar de maneira eficaz.

Atualmente, na Escola Municipal da Engomadeira, a direção é de responsabilidade da Pedagoga Jaciara Nogueira, com a Vice-diretora do período

noturno sendo Helaine Souza, que possui licenciatura em Artes Visuais, e as Coordenadoras Pedagógicas Cristiane Bacelar, Idaraci Leal e Gilmara Santana, que são licenciadas em Pedagogia, com especialização em Educação de Jovens e Adultos, alfabetização e tecnologia.

Historicamente, em março de 2020, o Brasil e o mundo foram assolados pela pandemia da COVID-19. De acordo com alguns relatórios do Fundo das Nações Unidas para a educação, no Brasil, as pessoas que viviam em pobreza de aprendizagem já somavam 53% da população antes da COVID-19, e chegaram a 70% por conta dos desafios trazidos pelo fechamento das escolas e pelo ensino remoto emergencial. Na Escola Municipal da Engomadeira não foi diferente, a maioria dos alunos que estava em processo de alfabetização deixou de frequentar a escola e outros ambientes públicos para não se contaminarem com o vírus. O retorno dos estudantes ao ambiente escolar realizou-se somente no ano seguinte, e a quantidade de alunos que deixaram de alcançar a condição de alfabetização e letramento foi muito grande. Este fato pandêmico fez com que as gestoras da escola precisassem ter um olhar atento e buscassem estratégias para mudar o quadro dessa realidade.

Na conversa coletiva que pude fazer com as profissionais que trabalham na gestão da Escola Municipal da Engomadeira, consegui perceber que são extremamente abertas e comprometidas com a educação, especialmente a Educação de Jovens e Adultos. Compreendem a história de cada um dos alunos que estão dentro da unidade escolar em busca de um futuro melhor, tentando se incluir na sociedade a partir dos estudos.

De acordo com a coordenadora Cristiane Bacelar, para enfrentar o analfabetismo, a escola ofereceu suporte, orientações e capacitações para que os professores pudessem aprimorar as suas práticas de ensino. Com o apoio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), foram realizadas formações online com os professores, com temáticas sobre a importância de se tornar um professor alfabetizador. A etapa da alfabetização se mostrou muito desafiadora, tanto para a gestão e professores, como para os alunos. Então, como a escola estava lidando com professores que não eram pedagogos, foi crucial trazer e explorar essa temática para que a etapa de alfabetização fizesse sentido para os

discentes, e que o docente soubesse quais caminhos seguir para chegar neste objetivo.

Além deste recurso, a gestão também implantou um programa oferecido pelo Ministério da Educação, denominado Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que tem como objetivo alfabetizar jovens e adultos de 15 anos ou mais, que não puderam estudar na idade apropriada. O PBA é uma das estratégias do compromisso moral com a educação de não abandonar “Nenhum brasileiro!”. É um programa que valoriza o profissional que quer se tornar alfabetizador, incrementando um valor a mais no seu salário, o que aumenta a motivação do docente para exercer o seu trabalho, haja vista que o Brasil é um país que apresenta baixa remuneração para os profissionais da educação. Além disso, o programa também consegue oferecer uma assistência técnico-pedagógica aos professores, através de formações orientadas por sites e materiais e recursos alinhados à alfabetização de Jovens e Adultos. Para um professor que não sabe por onde começar nesta área, o processo de formação alfabetizadora se mostra muito importante para direcioná-lo para exemplos e recursos que podem ser utilizados na educação de jovens e adultos, a fim de não infantilizar os estudantes que participam do processo de ensino-aprendizagem.

Outro meio que a gestão encontrou foi elaborar um projeto simples, como se fosse um plano de aula semanal, para que os professores das diversas disciplinas pudessem, juntos, conseguir alfabetizar e letrar os alunos que estavam com dificuldades. Assim, os educadores contaram com as formações da Secretaria de Alfabetização, com a implantação do Projeto Brasil Alfabetizado, e com o projeto criado pela gestão, denominado Alfalettrar, que agia de acordo com a realidade específica da Escola Municipal da Engomadeira. Em toda a dinâmica da formação continuada dos docentes, a disponibilização de recursos foi extremamente importante no resultado da alfabetização dos alunos, pois quando a escola possui uma boa estrutura, uma gestão disposta e profissionais que buscam se informar e se atualizar, a educação gera uma transformação eficaz que chega a alcançar os objetivos de aprendizagem dos seus discentes.

### **3.2.1 Projeto Alfabetizar na EJA**

Levando em conta o comprometimento com a Educação de Jovens e Adultos, os gestores entendem que mais do que ter alunos matriculados, é necessário fornecer subsídios para que eles possam se afirmar como pessoas ativas, críticas e democráticas. Segundo Cristiane, a coordenadora pedagógica, sempre foram propostas atividades e metodologias que fizessem diferença na vida do corpo estudantil, e que, acima de tudo, respeitassem os conhecimentos que eles já possuíam.

Essas práticas pedagógicas propostas por esta linha de planejamento, fazem toda diferença em um ambiente de Educação de Jovens e Adultos, pois valorizar as experiências e os saberes que os estudantes trazem consigo, os coloca como protagonistas dos seus aprendizados, o que proporciona, ao professor, a chance de assumir um lugar de mediador das trocas e construção de conhecimentos. Quantas pessoas encaram a escola como o “bicho de sete cabeças”? Ou até mesmo como o local que não é direito delas? Mesmo que a Constituição Brasileira afirme, no Art.205, que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A constituição ainda esclarece que existem pessoas, principalmente adultos, que entendem que o processo educacional é uma atividade de busca de conhecimento que deve ser realizada e finalizada em uma idade certa para ter validade, essa compreensão afasta muitos adultos da busca pela formação escolar.

Voltando ao contexto da pandemia do COVID 19 na Bahia e em Salvador entre 2020 e 2022, do ponto de vista sócio-histórico, esse período pandêmico afastou ainda mais os jovens e adultos do ambiente escolar, pois impedia que tivessem contato uns com os outros, por causa da lei da quarentena. Assim, enquanto muitos alunos evadiram da escola, outros passaram de ano sem construir as habilidades mínimas necessárias para aquela etapa. Por consequência dessa realidade, e após o resultado da avaliação diagnóstica da turma EJA II, realizada na Escola Municipal da Engomadeira, professores e

coordenadores observaram que havia muitas dificuldades no processo de leitura, escrita e produção textual destes estudantes.

Quando voltamos ao “novo normal”, isto é, à regularidade das atividades escolares na turma da EJA II, existiam muitos discentes analfabetos. Para solucionar este problema, as coordenadoras observaram que era necessária a elaboração de um projeto que fortalecesse a alfabetização e o letramento. Então, a coordenação solicitou aos professores que identificassem nas salas de aula os alunos tinham mais dificuldades e com base nas informações dos/as docentes criou o projeto Alfalettar com o objetivo de auxiliar os professores de outras disciplinas que não são habilitados em pedagogia no processo de alfabetização e letramento.

O foco do projeto é alfabetizar letrando a partir de atividades que envolvam o cotidiano dos jovens e adultos, unindo essa característica aos conteúdos das disciplinas específicas e a prática da leitura e escrita. Com base nesta evidência, batizaram o projeto de Alfalettar, como instrumento metodológico que serve de guia para professores de disciplinas específicas, como português, matemática, geografia, história, ciências, inglês, artes visuais, educação física, artes cênicas e literatura.

As atividades do projeto foram planejadas para serem ministradas durante um período específico, dividido em semanas, e, a cada semana, eram propostos métodos de intervenções orientadas por todos os 10 professores que atuavam na turma EJA II. Estes profissionais, por sua vez, adaptavam os planos de aula das disciplinas específicas às atividades planejadas para todos. Ao utilizarem a dinâmica proposta, todos os professores trabalhavam exercícios “parecidos”, relacionando os conteúdos específicos de cada disciplina ao processo de alfabetização / letramento.

Para dar alguns exemplos, temos: identificar as vogais, construção de palavras, apresentações de sílabas, comparação de palavras, ordenação de letras e sílabas, leitura e escrita de palavras, produção de texto etc. Cada professor, de forma livre, foi adaptando essas atividades aos seus conteúdos.

Considerando que os docentes das disciplinas específicas eram licenciados e não pedagogos, e que não tinham, em suas atividades cotidianas, o contato constante com a alfabetização, o projeto sugeriu diversas atividades lúdicas, escritas e práticas, que podiam orientar o educador na elaboração do seu plano de aula. Outro ponto que vale destacar, é o fornecimento, por meio da gestão, de vídeos, textos e livros sobre alfabetização e letramento, para que esses professores pudessem entender teoricamente sobre o assunto e se habilitarem para ficar cada vez mais livres e prontos para alfabetizar e letrar.

Esse fazer pedagógico requer processos que precisam ser extremamente cuidadosos e, para exercê-los, é preciso ter preparo teórico. Desta forma, vê-se a necessidade de o professor da educação básica e, especialmente, da educação da EJA, ter uma formação continuada, para, assim, aperfeiçoar sua metodologia de ensino e desenvolver ações dialógicas em sala de aula, quando for submetido a uma atividade prática que não seja de costume. Diante desta proposta, é importante esclarecer que, apesar de serem todos professores, deve-se destacar que sua formação inicial está voltada a atividades didáticas relacionadas à área específica de conhecimento, porém, por causa precariedade pela qual passa a educação brasileira, faz-se necessário que o professor tenha competência e preparo para atuar em diferentes contextos de ensino.

Por fim, nota-se que o projeto Alfalettar funcionou na escola Municipal da Engomadeira porque existem professores e gestores dispostos a entender a realidade daqueles estudantes e prontos a se reinventar de acordo com as necessidades. Todavia, fica a discussão do quanto esses profissionais precisam trabalhar a mais, para se formarem em abordagens metodológicas que diferem das atividades pedagógicas e didáticas recomendadas pelas licenciaturas que exercem em suas disciplinas, com o objetivo de alfabetizar e letrar alunos que eram do EJA I no período de pandemia, e foram aprovados para o EJA II, pelo Ministério de Educação, sem terem alcançado as habilidades de leitura, escrita, interpretação e construção de textos que são as habilidades mínimas e necessárias para um bom desenvolvimento nas disciplinas.

### **3.3 Perfil dos professores da EJA II**

Na Educação de Jovens e Adultos, turma EJA II, o corpo docente é formado por professores de disciplinas específicas: português, matemática, geografia, história, ciências, inglês, artes visuais, educação física, artes cênicas e literatura. Em todas as disciplinas mencionadas foram trabalhados conteúdos de alfabetização, em paralelo com os assuntos específicos de cada uma.

Para compreender como foram trabalhadas as disciplinas nas salas de aula coletei dados tanto na coordenação pedagógica como realizei entrevistas com cinco professores das disciplinas de português, ciências, história, inglês e educação física. Observei que nenhum dos profissionais entrevistados teve uma formação específica em alfabetização de jovens e adultos, porém, apresentaram argumentos que os colocam como bastante abertos e disponíveis a desbravar este mundo que é a alfabetização.

Ao se depararem nas salas de aula com a realidade de muitos alunos que ainda permanecem analfabetos, buscaram rever as metodologias que usam para, em conjunto, apostar em uma abordagem interdisciplinar e no processo de formação continuada, criaram estratégias para atingir o objetivo, que é alfabetizar os alunos, sem deixar de lado seus ensinamentos disciplinares.

### **3.4 O perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos II**

O perfil dos estudantes da turma EJA II, segundo os dados da secretaria escolar, é de adultos entre 35 e 60 anos. Em sua maioria, trabalham de forma integral durante o dia e vão para a escola à noite. São estudantes que foram passados do EJA I para o EJA II sem as habilidades necessárias para esta nova etapa, por esse motivo alguns possuem dificuldades no processo de leitura e assimilação de conteúdos, tal deficiência acaba gerando grande incômodo e, em alguns casos, provoca desânimo e o desejo de desistir da escola.

Normalmente, os alunos da EJA chegam à escola por volta das 18h20, a maioria sai do trabalho e são recebidos com bastante acolhimento, regado de conversas sobre as novidades do dia, pela gestão, professores, funcionários e os próprios colegas de sala. Este momento inicial é destinado à interação uns com os outros, durante o lanche fornecido pela escola, no refeitório. Neste período, alguns também descansam, tiram dúvidas entre si, treinam a escrita em um papel livre ou se divertem em grupos, interagindo com alguns jogos de tabuleiro que são disponibilizados pela unidade escolar. Na psicologia, essa troca de conhecimentos entre os discentes é conhecida como aprendizagem sociocultural, pois os indivíduos interagem a fim de desenvolver uma aprendizagem significativa.

As aulas iniciam às 19 horas, que é o tempo necessário para o lanche e para chegada de muitos alunos que retornam do trabalho ou moram em regiões mais distantes. Pelo fato de a escola está localizada em um bairro periférico, a maioria dos alunos são de classe baixa, por isso se locomovem por transportes públicos ou a pé. Além de muitos trabalharem em empregos exaustivos, com elevada carga horária. Em um dos dias da observação, uma das estudantes contou à professora que não havia conseguido ir à escola na semana anterior porque precisou sair mais tarde do emprego. Então, de fato, o trabalho de forma exaustiva acaba, também, atrapalhando a ida dos estudantes para o centro de ensino. Deste modo, o professor da EJA precisa realmente compreender a questão de atrasos e saber como conduzir e relevar algumas situações.

É possível observar, pelas interações, que alguns alunos possuem deficiência intelectual e física, demandando de uma educação inclusiva dos professores e de todos os funcionários, que pacientemente conduzem essas pessoas para fazer o seu lanche e ir para a sala de aula. Segundo a coordenadora, a maioria dos estudantes que possuem deficiência física e intelectual não possui laudo médico, então o processo de auxílio para minimizar as dificuldades acaba acontecendo de acordo com as vivências dos professores e coordenadores que, por sua vez, faz com que se conheça mais de perto aquele estudante. Apesar dessa observação, é perceptível que todos possuem seu lugar, espaço e acolhimento no ambiente escolar.

Ao interagir com cada um deles, percebi que se consideram como uma família, o desenvolvimento dessa estima é um fato crucial para que os/as estudantes não desistam da escola apesar das dificuldades em assimilar os conteúdos, de ir para o colégio após o trabalho ou de alguma outra demanda particular. Quero destacar que os professores são pacientes no decorrer das aulas, se dispuseram a auxiliá-los ou a explicar novamente quando não compreendem do assunto. Além disso, demonstram a importância de ter, no dia a dia da sala, colegas dispostos a se ajudarem mutuamente. Não obstante, a motivação dos colegas e funcionários da escola é um sinal positivo e crucial para sua permanência.

Às 21h30, todos os alunos são liberados para retornarem às suas casas. Como em qualquer unidade escolar, a hora da saída é acompanhada por muita rapidez e correria, pois todos querem chegar de forma rápida ao seu lar, para descansar e fugir do perigo de permanecer até tarde na rua. Alguns precisam pegar ônibus, outros são liberados mais cedo por causa das demandas domésticas como cuidar dos filhos, netos ou arrumar o ambiente da casa e as coisas necessárias para o trabalho do dia seguinte. Enquanto isso, outros aproveitam para continuar o bate-papo com os funcionários, se despedindo e contando as novidades que não conseguiram durante a chegada.

Além das observações mencionadas, realizei entrevistas com cinco alunos, para entender como foi o seu processo de alfabetização e letramento, levando em consideração, tanto as estratégias adotadas, quanto os sentidos que o projeto ALFALETRAR fizeram para eles/ as.

## **IV - ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS PARA ALFABETIZAR E LETRAR OS ALUNOS**

Nos capítulos anteriores, foram apresentadas algumas definições sobre a Educação de Jovens e Adultos, o seu contexto histórico, a conceitualização de alfabetização e letramento, o perfil da Escola Municipal da Engomadeira, dos alunos e dos professores. Nesta parte, abordaremos os instrumentos e procedimentos utilizados para discutir e avaliar as estratégias que a gestão e os professores utilizam para a alfabetização e letramento dos alunos da turma EJA II.

### **4.1 Metodologia**

A pesquisa foi desenvolvida com uma abordagem qualitativa, para dar o embasamento do estudo e a apropriação da realidade observada. De acordo com Godoy (1995) a pesquisa qualitativa enfatiza a perspectiva integrada na qual o pesquisador vai a campo, objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Utilizou-se, para coleta de dados, uma entrevista com um roteiro semiestruturado com 7 questões, o instrumento foi submetido às respostas de cinco professores da turma da EJA II. Um recurso semelhante foi utilizado para entrevistar cinco estudantes da mesma turma, que responderam outras cinco perguntas. Todos os questionamentos formulados têm o objetivo de entender como professores e estudantes da referida turma percebem e avaliam o processo de alfabetização e letramento que participaram. Além das entrevistas, realizei uma conversa com uma representante da gestão, na pessoa da Coordenadora Cristiane Bacelar, que informou quais foram as motivações para a realização do projeto Alfalettar, como os professores foram se envolvendo no projeto, buscando ganhar autonomia ao longo do processo para desenvolver, de forma independente, as suas próprias atividades, recursos e planejamentos relacionadas a alfabetização e letramento a partir das disciplinas que trabalham.

## 4.2 Entrevistas com professores

As coletas de dados foram realizadas por meio de uma entrevista com cinco professores. Constam o nome fictício, formação acadêmica, tempo de exercício da função de educador e o tempo que trabalha com o ensino da EJA.

Nome do(a) professor(a)	1) Qual a formação acadêmica?	2) Quanto tempo exerce a função como educador?	3) Quanto tempo trabalha com a EJA?
Carla	Língua Inglesa, com especialização em tecnologia;	34 anos	13 anos
Pedro	Língua portuguesa, com especialização em literatura;	40 anos	40 anos
Rodrigo	Ciências da natureza;	10 anos	2 anos
Clara	Licenciatura em história, com especialização na cultura afrodescendente;	15 anos	10 anos
Tiago	Licenciatura em Educação Física;	6 anos	6 meses

Na resposta à pergunta “Qual sua formação acadêmica?”, tivemos a oportunidade de conhecer os nomes e a formação acadêmica de cada professor. Então, de acordo com a tabela acima, a professora Carla é formada em Língua Inglesa, com especialização em tecnologia; O professor Pedro é formado em Língua Portuguesa, com especialização em literatura; O professor Rodrigo é formado em Ciências da Natureza, e não possui nenhuma especialização; A professora Clara é formada em história, com especialização em cultura afrodescendente; E o professor Tiago é formado em Educação Física, sem nenhuma especialização. É possível perceber que a maioria dos docentes possui especialização, o que faz com que o exercício como educador tenha mais profundidade, pois este fator, além de aprofundar conhecimentos e desenvolver habilidades, pode impactar positivamente na prática pedagógica do professor.

Na segunda questão, foi perguntado “Quanto tempo exerce a formação de educador?” Foi possível perceber, analisando as respostas, que a maioria dos entrevistados trabalha como educadores, em média, de 6 a 40 anos. Percebe-se que os cinco professores possuem grande tempo exercendo a

profissão, o que nos leva a deduzir que eles já vivenciaram muitos episódios em sala de aula. O tempo exercido como profissional da educação faz com que a confiança em seu trabalho seja maior, assim como seu reconhecimento por essa experiência. Entretanto, existe também a questão de que vivemos em um país cuja educação é desvalorizada, então, muitas vezes, um professor que tem bastante tempo em exercício pode estar cansado, desacreditado na educação e fazendo uso de metodologias antigas e ineficazes.

Com o auxílio das entrevistas, pôde-se perceber que o professor de ciências passou a impressão de estar cansado do ambiente escolar, visto que produz e organiza suas aulas baseando-se apenas em atividades impressas e o professor de português utiliza apenas o quadro como recurso didático para alfabetizar. Atualmente, são discutidas novas metodologias para garantir que o aluno não fique apenas na posição de transcrever o que o professor escreve, fazendo com que ele passe a observar, pesquisar em diversas fontes, questionar ou levantar um pensamento crítico relacionado aos assuntos apresentados pelo educador. Por esse motivo, é importante que o docente não se limite apenas a atividades impressas ou ao registro no quadro, e que utilize outras dinâmicas para a sala de aula, a fim de que os estudantes desenvolvam a interação com os colegas e despertem seus conhecimentos prévios.

Quando foi indagado “Quanto tempo trabalha na Educação de Jovens e Adultos?” Foi possível observar que os professores têm experiências profissionais que variam entre 2 e 40 anos, exceto o professor de Educação Física, que possui 6 meses na EJA. Por este motivo, todas as próximas respostas podem ser traduzidas como falas e abordagens de professores que, apesar de não terem nenhuma especialização em alfabetização e letramento, possuem uma bagagem extensa quando se refere ao ensino de jovens e adultos.

Vale pontuar, ainda, que mesmo com o longo tempo exercendo atividades como educadores, todos viveram pela primeira vez o impacto na educação deixado pela pandemia da COVID-19. E, apesar de precisarem conviver com as limitações de aprendizagem que já existem há muito tempo na educação brasileira, foi a primeira vez que se depararam com uma turma inteira de estudantes analfabetos, o que os fizeram recorrer a formações intensas e

corriqueiras sobre alfabetização e as estratégias do projeto que os auxiliaram a alcançar os objetivos de leitura e alfabetização.

Na questão 4, foi perguntado “Quais foram as suas contribuições e discussões no processo de elaboração do projeto Alfalettrar, organizado pelas gestoras?” Todos os professores relatam que, por serem licenciados em disciplinas específicas, não possuíam habilidades para lidar com alfabetização e letramento. Consideram que as possibilidades para auxiliar na elaboração do projeto eram muito reduzidas, porque não conheciam as metodologias utilizadas no processo da alfabetização, eles contribuíram no sistema de avaliação e nos diagnósticos sobre os alunos.

Durante o processo, os professores observaram as maiores dificuldades dos discentes e as relataram para as pedagogas, participantes da gestão, que se uniram às coordenadoras, também formadas em pedagogia, para planejar atividades e abordagens metodológicas que seriam possíveis de serem utilizadas por todos os licenciados, para auxiliar no processo de alfabetização e letramento. Assim, propuseram uma formação rápida e emergencial para os docentes licenciados, através da Secretaria de Alfabetização e do Projeto Brasil Alfabetizado, além da disponibilização de vídeos e textos que pudessem fazer com que eles adaptassem os seus conteúdos para cumprir o foco do projeto Alfalettrar.

É possível imaginar o quanto esse processo foi trabalhoso, pois a maior angústia para um educador é perceber que os estudantes de sua classe não conseguem se desenvolver nos seus conteúdos, e não estão aptos a viver uma nova etapa de conhecimento. Além disso, a dificuldade de aprendizagem faz com que o aluno desanime de continuar participando do ambiente escolar e ocasionando a evasão.

Apesar de a maioria do corpo docente não ser formado para realizar a alfabetização, a professora Carla informou que é “uma angústia seguir nas aulas como se não tivesse nenhum ‘problema’, ou como se os alunos não estivessem aprendendo o seu conteúdo e entendendo onde, no cotidiano, eles poderiam utilizar”. Por isso, sempre que necessário, é importante que o professor avalie

os seus métodos e conteúdos, para que possa compreender se realmente está cumprindo com o seu objetivo de fazer com que os educandos aprendam e ampliem os seus conhecimentos.

Na pergunta de número 5, foi questionado sobre as maiores dificuldades para alfabetizar e letrar. E logo em seguida, dando continuidade ao momento de diálogo, os professores foram questionados sobre como eles trabalhavam os conteúdos de alfabetização na sala de aula.

Para a professora de Língua Inglesa, seu maior obstáculo foi a autoestima dos discentes, e o peso que sua disciplina carregava, por ser um idioma de outro país. Por conta disso, os estudantes automaticamente idealizavam que a dificuldade na disciplina estaria acima da encontrada nas outras.

Quando se é direcionado aos alunos da EJA, tudo interfere na aprendizagem, por isso é possível compreender a angústia da professora de Língua Inglesa, que precisava apresentar outro idioma para aquelas pessoas que mal dominavam sua língua materna. Isso não se dá por uma falta de capacitação da docente, mas pela resistência idealizada no pensamento dos estudantes que, ao ter contato com a disciplina, multiplicavam suas dificuldades por se tratar de uma nova língua. Pelo relato da educadora, pôde-se perceber que o processo foi bastante respeitoso, entendendo os receios dos seus discentes, mas também mostrando que a sua disciplina fazia parte do cotidiano, exemplificando com situações como “comprar um *bacon* para colocar no feijão”, “comer um *hot-dog*”, ou “passar tempo no *WhatsApp*”. Desta forma, percebe-se o uso de estratégias que geram uma educação significativa.

A professora de língua inglesa informou trabalhar com recursos lúdicos e objetos palpáveis para os alunos, como por exemplo: alfabeto móvel, maquete, encartes de mercado, figuras, vídeos etc. Todos estes recursos eram construídos em sala de aula, por ela e pelos alunos, e, a partir disso, ela implementava a língua inglesa nestas atividades. Por conta do déficit alfabético encontrado, as palavras trabalhadas eram, em sua maioria, as que adotamos no vocabulário português, como: Hot-Dog, WhatsApp, Wi-Fi, entre outras. Foi

possível observar que, apesar de ser uma docente que não tinha formação para alfabetização, ela esteve sempre aberta a se reinventar enquanto educadora, se apoiando nos pedagogos, interagindo com eles e coletando ideias. Acredita-se que essa seja a atitude esperada de todo professor, pois, assim, suas posturas, metodologias e didáticas se movimentam, se reinventem de acordo com a realidade e a forma de aprendizagem de seus discentes.

Para o professor de Língua Portuguesa, a maior contrariedade foi apresentar um conteúdo para o aluno e, no dia seguinte, ele já ter esquecido. Além desse impasse, havia, também, a questão de que se esperava que ele soubesse alfabetizar, no entanto, assim como todos os outros professores, sua formação era em licenciatura específica. Em suas palavras, ele expressa: “O que eu aprendi na faculdade, foi escrever o assunto no quadro e dar a minha aula, sem me preocupar se a bagagem do aluno permitia que ele entendesse ou não o assunto”. Essa fala pode ser considerada comprometedora, ao ser dita por um educador. Através deste fato, aliado a tudo que foi dito ao longo da entrevista, percebi que sua didática continua sendo a mesma de 40 anos atrás, e que o uso do quadro é o seu único recurso didático.

É sabido que a Universidade não vai ensinar a prática do que é ser professor, principalmente a dele, que foi há 40 anos, com metodologias e didáticas que já se diversificaram muito, porém, o profissional deve sempre se atualizar ao momento e às necessidades apresentadas pela turma na contemporânea. Atualmente, já é possível observar inúmeras abordagens e estratégias para realizar atividades de ensino-aprendizagem de uma turma composta por pessoas analfabetas. Para uma turma com esse perfil o que era escrito no quadro não fazia nenhum sentido, tornando-se para os alunos uma mera atividade de cópia.

Outro ponto que vale destacar, é que, antes da criação do projeto Alfaetrar, para os docentes das outras disciplinas, quem deveria cuidar da parte de alfabetização era o professor de Língua Portuguesa. No entanto, esse pensamento pode ser considerado retrógrado, pois, em todas as disciplinas oferecidas no currículo da educação fundamental e média, os estudantes devem adquirir habilidades para desenvolver a leitura, a fala, a escrita, a interpretação

e a crítica que são modos de se manifestar dos alfabetizados e letrados. Por este motivo, o projeto “Alfalettrar” mostra uma grande importância, visto que conseguiu fazer com que toda a equipe docente trabalhasse com estratégias alfabetizadoras.

Ao perguntarmos ao professor de Língua Portuguesa como costumava trabalhar os conteúdos, ele informou que utilizava bastante o quadro e questionários. Então, todos os conteúdos eram explanados dessa forma, com muita leitura, escrita e identificação de letras e palavras. Para o referido professor, foi impossível trabalhar os conteúdos que faziam parte do currículo do EJA II, por este motivo, ele precisou adequar todos os assuntos para conteúdo de alfabetização, como: vogais, consoantes, alfabeto, produções de textos, frases e leitura. Apesar de não ter cumprido o currículo da matéria, o docente declarou que conseguiu ver um certo desenvolvimento na turma, porque, em sua opinião, não adiantaria estar trabalhando conteúdos que, talvez, os alunos não conseguiriam compreender. Para além disso, levando em conta todos os cursos e materiais que foram ofertados aos professores neste processo de tentar torná-los alfabetizadores, nota-se que, por parte desse educador, faltou a utilização de recursos além do quadro.

Para o professor de ciências, a maior dificuldade foi o momento de realização das atividades, pois os alunos não conseguiam resolver as questões propostas pelo livro, pois elas tinham um nível de dificuldade muito superior ao nível atual da turma.

Para diversos docentes, o livro didático acaba sendo o currículo e a estratégia para se dar a aula, e isto pareceu se encaixar no caso do professor de ciências, ao menos inicialmente. O livro didático funciona? Sim, mas é preciso delimitar o seu uso. O planejamento do professor, as expectativas de aprendizagem e os projetos didáticos devem definir a melhor maneira de utilização do livro. Logo, é preciso entender que muitos métodos ou exercícios podem auxiliar nesse processo de ensino do conteúdo.

Apesar de o professor de ciências continuar trabalhando com os mesmos recursos que já utilizava, como vídeos e imagens, modificou a forma das

atividades, visto que passou a buscar várias opções que tivessem diretamente ligadas à alfabetização e, a partir disso, foi adaptando aos seus conteúdos. Apesar de parecer que ele estava um pouco apegado ao uso único do livro didático, percebi que ele soube recorrer a atividades que se mostrassem mais compatíveis com o nível de instrução dos alunos. Ainda assim, faltou, neste processo de ensino, uma metodologia que incentivasse o estudante a construir mais que a memorização de definições ou fatos científicos, como aulas práticas com investigação, coleta de dados, e o uso prático da ciência no cotidiano, para os estudantes que estão em processo de alfabetização e letramento, entender como alguns conteúdos da ciência podem ser aplicados na vida, podem ser mais importantes do que saber um conceito ou fato.

Para a professora de história, uma das maiores dificuldades foi a necessidade de adaptação no modo de enxergar os conteúdos, pois precisava ter um novo olhar, desta vez assumindo um lugar de alfabetizadora. Ela relatou que passou por um período de afastamento por questões de saúde, então não conseguiu participar da elaboração e discussão do projeto. Percebe-se que este fato acabou por interferir em sua metodologia, o que explica sua dificuldade de compreender como trabalhar os conteúdos formais junto ao processo de alfabetização.

Como exposto anteriormente, alfabetizar é desenvolver a leitura, a fala, a crítica, a interpretação e a escrita, hábitos que devem estar presentes nas aulas de todas as disciplinas. Existe a necessidade de os professores começarem a trabalhar com a interdisciplinaridade, como uma possibilidade de construir um conhecimento global e romper com os limites estabelecidos pela perspectiva das disciplinas. A interdisciplinaridade pode ser uma estratégia a ser usada para sensibilizar os alunos a compreenderem a aplicabilidade dos conteúdos em diferentes contextos da sociedade. Desse modo, os estudantes podem construir um novo olhar sobre os conteúdos trabalhados e entender melhor ao associá-los com outras áreas, já que as matérias escolares não são mais vistas como conhecimentos isolados.

A professora de história, utilizou bastante as opções de rodas de conversas, discussões em sala de aula, elaboração de textos críticos etc. A

disciplina acaba tendo conteúdos que podem ser trabalhados de forma oral, então ela intervia com a alfabetização quando passava algumas atividades, ou quando escrevia no quadro, com o auxílio dos alunos, alguns nomes que tinham a ver com os temas que estavam sendo abordados.

Por último, para o professor de Educação Física, o maior desafio não estava diretamente na necessidade de adaptação à alfabetização e ao letramento, pois a sua disciplina lhe permitia “conviver” com essa realidade. Entretanto, por possuir apenas 6 meses de experiência com a educação de jovens e adultos, ele precisava se adaptar à nova realidade de lidar com muitos alunos analfabetos.

Discutir o perfil do professor da EJA é estar preocupado com a qualidade do ensino que ele vai ofertar, considerando cada trajetória de vida dos alunos e os múltiplos significados que esses indivíduos atribuem à escola, como um local de aprendizagem, socialização, de possibilidade para um emprego melhor, um avanço nos conhecimentos que eles podem adquirir etc. A educação de jovens e adultos é marcada pela alta taxa de evasão, pelo pouco tempo para trabalhar o conteúdo e um número reduzido de aulas para se desenvolver os conceitos de forma plena e completa, em comparação com alunos da educação básica. Por isso, a fala do professor de Educação Física é pertinente, porque para ele o “difícil não é alfabetizar, mas sim ser professor da Educação de Jovens e Adultos”. Isso mostra que para trabalhar com o ensino na EJA, é necessário ter preparo específico, conhecer como devem ser as abordagens e os métodos de ensino, que se diferenciam do ensino regular por conta da idade, histórias de vida e forma de aprendizagem dos educandos.

O professor de Educação Física seguia as estratégias de roda de conversa, entretanto, como as suas aulas normalmente eram feitas fora do espaço físico da sala de aula, em lugares abertos, ele buscava trabalhar com alfabetização quando era proposta alguma atividade escrita ou oral. Um ponto importante que pude observar, e que talvez fuja do olhar do professor, é que alfabetizar não é só ler e escrever. Com as rodas de conversas, exploração de textos, socialização com os colegas e aperfeiçoamento das formas de se expressar, há também um processo de alfabetização. Não resumir a

alfabetização em uma aquisição de técnicas e habilidades, pode constitui-la como um poderoso instrumento para a sobrevivência política, cultural e econômica do estudante, pois é a partir dela que ele deixa de ser uma “marionete do sistema”, e passa a compreender seus direitos e deveres, além de seu papel como agente crítico na sociedade.

Durante a conversa com a gestão da Escola Municipal da Engomadeira, foi perceptível que existe uma alta demanda de alunos com deficiência ou que necessitam de uma educação especial. Muitos deles não possuem nenhum tipo de laudo médico, mas o educador acaba percebendo que é necessário ter uma atenção maior a estes estudantes, devido a uma limitação que, por muitas vezes, se mostra cognitiva. Por isso, a pergunta de número 7 questionou: “Como você lida com o processo de alfabetização e letramento dos alunos que possuem algum tipo de deficiência?”

A professora de língua inglesa informou que motivava os alunos com necessidades específicas da mesma forma que o restante da turma, e respeitava o progresso e limite de cada estudante. Então, no decorrer das aulas, fazia o possível para que eles não se sentissem diferentes dos outros estudantes. O professor de língua portuguesa seguiu esta mesma estratégia de acolhimento. Já o professor de ciências, comentou que, para ele, era difícil trabalhar com alunos inclusivos, pois tinha que realizar muitas adaptações nas atividades, para que eles pudessem acompanhar. Para a professora de história, o maior desafio era fazer com que estes discentes empoderassem o seu modo de falar, que pudessem ter o seu lugar de fala naquele ambiente regado de diálogos. Por último, para o professor de educação física, não existiam muitas dificuldades com estes estudantes, só necessitava se atentar mais nos momentos de atividades, para auxiliá-los caso fosse preciso.

A educação inclusiva acaba se tornando muito importante no ambiente escolar, e, atualmente, o ingresso de um aluno com necessidades específicas na escola é uma grande conquista e avanço para a sociedade. Porém, é importante destacar que não é apenas o professor que precisa estar preparado para auxiliar estudantes com necessidades especiais, mas todo o ambiente

escolar, como os funcionários, os colegas de sala, a gestão e a coordenação pedagógica. Sobre isso, Galt afirma que

Para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a põe e que nela interferem. Precisa realimentar sua estrutura, organização, seu projeto político pedagógico, seus recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. Para acolher todos os alunos, a escola precisa, sobretudo, transformar suas intenções e escolhas curriculares, oferecendo um ensino diferenciado que favoreça o desenvolvimento e a inclusão social. (Galt, 2007, p. 16).

Ser professor da educação de jovens e adultos é um grande desafio, principalmente porque essa modalidade de ensino caracteriza-se pela diversidade de estudantes que enfrentam cotidianamente dificuldades que reforçam processos históricos de precarização e exclusão. Por estes motivos, o educador precisa saber como trazer o mundo dos estudantes para a escola, fazendo com que eles se interfiram no ambiente educacional.

Para tanto, é fundamental que o professor e a escola tenham um cuidado que vai além do resultado automático sobre passar ou não de série, mas se preocupe com o nível de desenvolvimento que essas pessoas conseguem alcançar no ano letivo. Infelizmente, vivemos num país em que os professores são completamente desvalorizados, com uma baixa remuneração e lidando com desrespeito ou abusos em suas horas trabalhadas. Apesar das observações e críticas, é difícil não se admirar ao se deparar com situações em que o professor faz muito além do que suas obrigações profissionais.

Diante de todos os relatos da escola analisada, percebe-se que várias estratégias foram adotadas pelos professores e coordenadoras pedagógicas para a realização do projeto, como a identificação das dificuldades específicas dos estudantes e na compreensão de como os educadores da referida escola poderiam auxiliar no processo de alfabetização e letramento dos estudantes da referida turma. Para o desempenho desta tarefa, mostrou-se crucial a busca de uma formação continuada para proporcionar aos discentes uma aprendizagem significativa, que não estivesse apenas voltada para os currículos propostos,

mas focada na ampliação dos conhecimentos prévios e na interatividade como forma de alfabetização e letramento.

### 4.3 Entrevista com os estudantes

Para avaliar os caminhos e os progressos feitos pelos alunos, professores e pela gestão, foram coletados dados de cinco alunos, que puderam falar como foi o processo e se realmente o objetivo de alfabetização e letramento foi alcançado. Seguem, abaixo, dados como idade e o nome fictício dos/das estudantes, se realiza alguma atividade remunerada; se esta atividade o atrapalha nos estudos; quais as motivações para retornar ou iniciar os estudos; se os objetivos de alfabetização e letramento foram alcançados; e quais foram as contribuições dos professores e da gestão no seu processo de aprendizagem.

Nome do estudante	Idade
Fátima	35 anos
Luís	54 anos
Maria	45 anos
Laura	50 anos
Fernando	59 anos

Iniciamos esse processo formulando a primeira pergunta, que questionava se o estudante exercia alguma atividade remunerada, e, logo em seguida, na segunda pergunta, se essa atividade o atrapalhava nos estudos.

Na entrevista, Fátima relatou que não exerce nenhuma atividade remunerada, mas cuida dos três filhos e de sua casa que são atividades domésticas que acabam interferindo na sua assiduidade das aulas. Essa responsabilidade demanda muita dedicação de uma pessoa, principalmente quando se é a responsável por manter a organização do lar e dos outros indivíduos que ali residem. Para além de executar as tarefas, é um trabalho de programar, planejar, prever e adiantar possíveis falhas ou problemas nas atividades, a fim de manter um certo controle naquilo a que se está dedicando. Então, estas atividades diárias acabam provocando um grande cansaço,

limitando ou impedindo que a presença da estudante seja mais vívida e permanente. Esta é a realidade de tantas outras mulheres da EJA, que se dedicam o dia inteiro aos seus afazeres e, durante a noite, seguem exaustas para a escola.

O segundo entrevistado, denominado Luís, possui uma barraca de frutas no próprio bairro, e é de lá que sai o sustento da sua família. Como ele é dono do próprio negócio, acaba não atrapalhando tanto, pois ele mesmo monta seus horários. O que prejudica, segundo o estudante, é o cansaço do dia corrido. Por mais que seja um trabalho que permite uma maior liberdade de horários, ficar o dia inteiro em pé, atendendo clientes ou lidando com situações desagradáveis, se mostra extremamente desgastante. E para um bom desenvolvimento no ambiente escolar, é necessário que o discente esteja descansado, alimentado e hidratado para, assim, participar das discussões em sala de aula. Logo, ao possuir uma alta carga de trabalho, o estudante acaba chegando à unidade escolar com baixo rendimento e exaustão.

Diferentemente do Luís, a aluna Maria trabalha em um restaurante, e essa lida é o principal motivo das suas inúmeras faltas, pois, por muitas vezes, ela precisa sair mais tarde do trabalho, o que acaba impedindo a sua presença regular nas aulas. O que acontece com Maria é uma das situações que se repete com diversos trabalhadores brasileiros que são obrigados a estender a jornada fora do expediente. A estudante relata que os patrões acabam se aproveitando de sua situação, posto que ela precisa bastante dessa renda, o que gera uma dependência do emprego, mesmo passando por este tipo de abuso. Neste caso, além do cansaço físico, que vai além do acordado quando ingressou no trabalho, ainda tem o abuso emocional. As mudanças, incertezas e pressões frequentes elevam o risco de esgotamento, e isso acaba prejudicando o rendimento nas aulas.

Já no caso da aluna Laura, ela relatou que não exerce mais nenhuma atividade remunerada, porque cuidava de 2 netos para a filha poder ir trabalhar. Neste caso específico, acontece, por vezes, que quando a filha chega um pouco mais tarde do trabalho acaba atrapalhando sua ida para escola. Aqui se pode destacar o quanto é comum que o estudante da EJA que tenha uma família

estruturada por mulheres o que dependem da solidariedade das outras para realizar atividades laborativas, como é o caso da filha de Laura que precisa do seu auxílio para cuidar dos filhos, pois não tem onde deixá-los quando vai trabalhar.

Por fim, temos o Fernando, que trabalha como mototáxi e diz que o trabalho não atrapalha tanto os seus estudos. No entanto, como todo emprego, este ofício acaba sendo cansativo, pois é necessário pilotar o dia todo, enfrentando diversos tipos de clientes, chuva, sol, má alimentação e pouca hidratação. Todas essas questões acabam prejudicando a atividade cerebral, o que afeta, também, o desenvolvimento em sala de aula.

Percebi que a realidade dos estudantes dessa turma da EJA é muito diversa, as atividades cotidianas que são realizadas por diferentes profissionais impactam na rotina de cansaço que precisa ser levada em consideração pelos professores, visto que, apesar de as todas as dificuldades os alunos mencionados ainda se permitiram voltar ou ingressar no ambiente escolar.

Dando continuidade as entrevistas, formulei a terceira pergunta, o que lhe motivou a voltar ou iniciar os estudos? Para a Fátima, a sua motivação surgiu através dos filhos, porque ela precisava ajudá-los a responder as atividades escolares. Porque não conseguia resolver os exercícios escolares de seus filhos e para dar exemplos para eles crescessem estudiosos, ela decidiu ingressar na EJA.

A motivação de Luís foi bastante diferente, ele respondeu que se matriculou na escola porque deseja aproveitar melhor o tempo que passou: “não tive esse tempo disponível durante a juventude, devido a vida mais dura no interior”. Podia comentar um pouco sobre a resposta de Luís.

No caso de Maria, foi seu interesse em buscar um novo emprego que a fez procurar qualificação através dos estudos, ela considera que é mais provável conseguir mudar de posto no trabalho quando se possui o diploma do ensino médio completo.

Diferentemente, Laura informou que desejava aprender a ler e escrever para mandar mensagens no *WhatsApp* e conseguir ler a bíblia. E, por fim, Fernando relatou querer aproveitar o tempo perdido, aprendendo a ler e escrever, além de desenvolver uma melhor comunicação com as pessoas.

Pode-se perceber que todos têm motivos diferentes para permanecer ou retornar à escola, e que a maioria dessas motivações são geradas a partir do meio familiar, social, ou por uma busca por melhoria na vida financeira. Para reconhecer esse contexto, Fátima (1997), citada por Camargo (1996), analisou as realidades dos estudantes da EJA, depois que voltaram para o ambiente escolar e concluiu que as afirmações foram positivas, porque alegam que houve uma melhoria de vida, pois ao “aprender a ler e escrever, eles se comunicam melhor, aumentaram sua autoestima, resolveram com mais facilidade os problemas do cotidiano, melhoraram o desempenho profissional e a visão da vida e do mundo” (FÁTIMA, 1997, apud CAMARGO; MARTINELLI, 1996 p. 200). Neste sentido, o retorno para a escola está relacionado à possibilidade de contribuir para a efetivação dos seus direitos como cidadãos.

Formulei aos/as estudantes a quarta pergunta, vocês acreditam que conseguiram aprender sobre os conteúdos, a leitura e a escrita em relação ao posicionamento na sociedade. Ao construir sua resposta, Fatima informou que já havia conseguido aprender a ler pequenos textos e auxiliar seus filhos nas tarefas escolares. Luís, por sua vez, respondeu que conseguiu chegar ao seu objetivo, porque aprendeu a negociar, fazer os pedidos de suas mercadorias e assinar alguns documentos.

Maria respondeu que aprendeu a ler e escrever, mas que ainda sonha com a conclusão do ensino médio o mais breve possível, para poder alcançar outras opções de emprego. Em relação a Laura, ela respondeu que já conseguia fazer algumas leituras e escrever mensagens no grupo da família, além de conseguir, também, folhear a bíblia e fazer leituras simples. Por último, Fernando informou que seus clientes passaram a notar sua evolução, além de brincar dizendo que ele passou a falar como intelectual, esses comentários lhe causam certa motivação. Por essa evolução visível, Fernando se mostra muito grato e informa que sonha em fazer um curso na educação superior.

Assim, percebe-se que as potencialidades dos alunos afloraram e tornaram-se marco decisivo em suas vidas, porque depois de participar do projeto “Alfaletrar” suas autoestimas foram recuperadas. É muito possível que se sentir útil, fazer o que gosta ou poder ter liberdade para restabelecer vínculos de conhecimentos, fizeram que os estudantes mencionados se sintam efetivamente realizados, tal sentimento podem afastá-los/as do complexo de inferioridade que o analfabetismo pode causar.

Para finalizar as entrevistas, perguntamos quais foram as contribuições dos professores e da gestão em seu aprendizado durante o ano. Para Fátima, além de auxiliá-la nas atividades, a compreensão e a paciência em relação às suas responsabilidades familiares foram cruciais para conseguir permanecer no ambiente escolar. Luís considera que toda a escola foi bastante acolhedora e, apesar de estar em situação de analfabetismo, diz que não sentiu que os professores ou diretores direcionavam olhares de pena para ele, mas motivavam a superar suas antigas “limitações”. Já Maria confessa que a paciência em entender suas ausências e não as julgar como desleixo serviu como motivação para sua permanência e superação. Laura avalia que o entendimento do seu próprio ritmo e o respeito como foi tratada, fez com que ela permanecesse em constante aprendizagem. Finalmente Fernando respondeu que o entusiasmo dos professores o fez permanecer, pois desta forma a escola o motivava a estudar, falar melhor e procurar sempre a melhoria de todos.

Por mais que professores digam que a permanência, o desenvolvimento e o aprendizado dos alunos dependem deles mesmos, informando-lhes que o professor é apenas um mediador do processo de ensino-aprendizagem não se pode deixar de notar a importância da influência do educador na vida desses estudantes, nem o quanto os planos, atitudes ou metodologias empáticas aceleram o processo de aprendizagem e geram resultados positivos.

## V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a análise de dados e me apropriar das falas dos professores, alunos e gestores, a partir da experiência pedagógica e do embasamento teórico, ficou claro que o processo de alfabetização e letramento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal da Engomadeira, turma EJA II, foi trilhado a partir de estratégias, onde os conhecimentos aprendidos e as metodologias para alfabetizar tivessem interação com os saberes que os discentes já possuíam e a realidade em que eles viviam. Percebe-se também que mesmo com a formação continuada alguns professores ainda necessitam de apoio que fundamente a sua ação docente no papel de alfabetizador e das suas práticas em sala de aula. Por outro lado, a aposta em metodologias e planejamentos interdisciplinares levou a integração da alfabetização com as disciplinas, abordando os conteúdos de modo a estabelecer uma relação entre eles, fazendo com que a maioria dos estudantes fossem alfabetizados.

Ausubel (2000) pressupõe que os novos conhecimentos devem ser adquiridos a partir de um material que seja interessante (significativo) para o aprendiz, e ancorado no seu conhecimento prévio. A interação dos novos conhecimentos com as ideias preexistentes permite que, por meio de sua atividade cognitiva, o aprendiz possa elaborar novos significados, que serão únicos para ele. Segundo essa teoria, ensinar significa criar situações que favoreçam a aprendizagem.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que algumas das estratégias utilizadas pelos docentes valorizavam os conhecimentos prévios dos estudantes. A proposta de trabalhar com palavras, textos, imagens e diálogos que fazem parte da rotina e da realidade dos alunos, acredito, que tenha potencializado o processo de alfabetização deles. Por exemplo, quando a professora de Língua Inglesa mostra que por mais que o nosso idioma seja português, no cotidiano utilizamos alguma palavras de origem inglesa. Também posso destacar, as rodas de diálogos, que permitem que o aluno expresse a sua opinião baseado naquilo que ele vive. Todas essas estratégias reforçam a aprendizagem baseada nos conhecimentos que os discentes já possuem.

Freire (1996, p. 43), afirma que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. “Contudo, nem todos os professores realizavam estratégias para que o processo de alfabetização e letramento desses estudantes fossem alcançados. Por isso, por mais que o profissional continue se aperfeiçoando na sua formação para ter uma prática que possibilite riqueza no ensino aprendizagem, é preciso ter disposição, disponibilidade para continuar construindo conhecimentos além de sua área de formação e apostar em um avanço didático e metodológico das suas práticas nos ambientes educacionais. Dessa forma, ainda é preciso organizar ainda mais o trabalho pedagógico para que os alunos vivenciem de forma integrada a alfabetização e letramento em todas as disciplinas, da turma da EJA II.

Desta forma, os professores mencionados da EJA que buscaram construir intersecções entre tentativas de alfabetização e letramento tomando como referências conteúdo das disciplinas específicas de inglês, português, ciências, história e educação física permitiram que os educandos elaborassem uma visão mais ampla a respeito dos assuntos, sem esquecer ou desacelerar o seu processo.

Com os relatos, por parte dos estudantes, de como os professores e a gestão conseguiram contribuir neste processo de alfabetização, pode-se perceber que, para além dos conteúdos e metodologias, existiu uma motivação maior, que era a empatia praticada por todos que estavam no ambiente estudantil. Um dos mais elevados problemas da Educação de Jovens e Adultos é a evasão escolar, que acontece quando o estudante deixa de frequentar as aulas, abandonando, assim, a escola. No entanto, tornar o ambiente escolar mais acolhedor, paciente e empático, faz grande diferença na permanência e desenvolvimento dos estudantes, como pôde ser constatado no caso da turma da EJA II, na escola Municipal da Engomadeira, em Salvador, BA.

## VI REFERÊNCIAS:

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa (PT): Plátano Edições Técnicas; 2000.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Ed., 1994. 335 p.

BRASIL. **Parecer nº 11/2000, de 10 de maio de 2000**. Brasília: CNE-CEB/MEC.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 06 julho. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 9.394/96)**. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MEC. **Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CAMARGO, P. da S. A S., MARTINELLIS. de C., **Educação de adultos: percepções sobre o processo ensino-aprendizagem**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). V 10, n 2, Jul/Dez, 2006, p. 200

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

FERRO, Maria; PAIXÃO, Maria. **Psicologia da Aprendizagem: fundamentos teórico-metodológico dos processos de construção do conhecimento**. – Teresina: EDUFPI, 2017, p.99.

FONSECA, Solange Gomes da. **Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Recanto das Letras. 2010. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2124657>. Acesso em 03 Julho. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: "Paz e Terra", 1996.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**. 7Letras. 2007.

GUSDOF, Georges. Prefácio. In: JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

HADDAD, Sergio, Di PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, maio-ago 2000, p.108-130.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

MENDONÇA, O. S. **Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**\_3 ed.\_ São Paulo: Cortez, 2009.

Prefeitura Bairro. Prefeitura de Salvador. 2019. Disponível em < <https://dados.salvador.ba.gov.br/pages/bairros-de-salvador> > Acessado em: 28, outubro, 2023.

SOARES, Magda. Letramento :Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 12.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

PAIVA, V.P., (1973). **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola.

## VII APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DO EJA II

Pergunta para os professores:

- 1) Qual a sua formação acadêmica?
- 2) Quanto tempo exerce a função de educador?
- 3) Quanto tempo trabalha com a Educação de Jovens e Adultos?
- 4) Sobre o projeto Alfalettar, quais foram as suas contribuições e discussão no processo de elaboração?
- 5) Quais foram as dificuldades em alfabetizar e letrar os alunos?
- 6) Como você busca trabalhar os conteúdos de alfabetização na sua sala?
- 7) Como você lida com esse processo de alfabetização com os alunos que possuem alguma deficiência?

### QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DO EJA II

- 1) Exerce alguma atividade remunerada?
- 2) Essa atividade atrapalha os seus estudos?
- 3) O que te motivou a voltar ou iniciar os estudos?
- 4) Agora, já no final do ano letivo, você acredita que conseguiu aprender os conteúdos, a ler, escrever e a se posicionar na sociedade?
- 5) Quais foram as contribuições dos professores e da gestão no seu aprendizado durante o ano?

## VIII CRONOGRAMA:

<b>Semanas</b>	<b>Atividades</b>
04 a 08 de março	Revisão Bibliográfica
11 a 15 de março	Revisão Bibliográfica
18 a 22 de março	Escolha das fontes e formas de coletas
25 a 29 de março	Escolha das Fontes e formas de coletas
01 a 05 de abril	Edição da escrita do TCC/contato com a escola
08 a 12 de abril	Coleta de Dados
15 a 19 de abril	Coleta de Dados
22 a 26 de abril	Análise e Interpretação dos Dados
29 de abril a 03 de maio	Redação do TCC ou Relatório Final
06 a 10 de maio	Redação do TCC ou Relatório Final
13 a 17 de maio	Redação do TCC ou Relatório Final
20 a 24 de maio	Impressão e Revisão da Redação/ Preparação para a Apresentação da Defesa
27 de maio a 14 de junho	Preparação para a Apresentação da Defesa
18 de junho	Apresentação, Defesa ou Entrega do Relatório